

## ***O que funda a psicanálise como Práxis? Passamos Lacan no que transmitimos? Quando há transmissão numa escola?***

Estas três perguntas, que compõem o título do nosso trabalho, estão articuladas à questão-morcego de que trata Lacan, no Escrito “*Variantes do Tratamento Padrão*”.

A questão-morcego incide no ponto de vista de desvio, de ambigüidade que precisa ser tomado em conta. Embora a questão das variantes possa levar a pensar em diferentes vertentes, esse termo “variantes” reporta-se ao ponto ambíguo que neste sentido, exige “um rigor de alguma forma ético fora do qual qualquer tratamento, mesmo recheado de conhecimentos psicanalíticos, não pode ser senão psicoterapia”.

A respeito desse rigor ético, Lacan define um critério do que é a psicanálise: é o tratamento dispensado por um psicanalista. Esse critério, diz Lacan no *Seminário XI* e no *XV*, ele não pode não retomá-lo, uma vez que dele vai emergir uma série de questões lógicas com as quais o sujeito do inconsciente precisa se implicar.

Se Lacan insiste nesse ponto é porque há aí algo difícil de tomar, de delimitar. Algo escapa por não ser da ordem do que pela teoria vigente é entendido por comunicação e saber. Trata-se do gozo que o próprio saber produz, e do que ao sujeito escapa. Entretanto, isto é o que faz com que seja difícil, mas absolutamente necessário, delimitar o campo do gozo, tomando a prática como discursiva. Quando falamos de prática discursiva, não se trata de questões que possam estar a priori já formuladas, mas de escolhas, decisões, em relação ao gozo produzido na própria análise, onde se articulam a dimensão do saber e da verdade. Lembramos que discursivo tem aqui a ver com Lacan, seus artefatos e suas letras, o que só por Lacan passa.

Neste ponto de ambigüidade, retomar o rigor que a prática exige é, então, fundamental. Tomemos, por exemplo, em relação ao critério definido por Lacan que “a psicanálise é o tratamento dispensado por um psicanalista”, a ambigüidade nas maneiras mais simples em que ela pode se apresentar, ou seja, nas diferentes maneiras em que esse critério pode ser lido e que levam a diferentes posições frente ao saber, portanto, diferentes posições frente ao gozo e conseqüentemente, diferentes posições em termos da direção da cura (tratamento).

Há a posição de leitura daqueles que, mesmo tendo muitos conhecimentos de psicanálise, podem ler esse critério fazendo um uso dele para obter os privilégios. Privilégios pelos quais os ecléticos, ou os liberados de qualquer coisa, os modernos neo-liberais, etc... se esforçam na tentativa de manter uma frente unida, como diz Lacan, uma potência, onde é a quantidade de analistas que confere a qualidade do grupo. Isto não passa certamente de um fator sociológico engrenado no coletivo, que deixa fora as questões do campo da

psicanálise, que são as que realmente interrogam o saber e, por conseguinte, o gozo no laço social vigente.

Outros lêem na direção em que o tratamento analítico deve ser dispensado. Na nossa língua, dispensado leva tanto a prescindir como a prestar, conceder. Há aqui os que recorrem ao termo francês. Há os que tomam no sentido de prescindir, de modo que prescindem de Freud e de Lacan, como se a questão fosse ultrapassá-los. Há aqueles que se colocam como prestando o tratamento analítico como serviço e o colocam como simplesmente mais um tratamento. Ou seja, as possibilidades de direção de leitura são muitas. Por isso, Lacan propõe um rigor ético, que certamente é lógico, já que essa questão o leva à *Lógica do Fantasma*, *Seminário XIV*, e ao *Ato Analítico*, *Seminário XV*, onde trabalha os critérios lógicos do que é o analista e do que é um analista. Nesses dois seminários, chega ao esgotamento das questões do sujeito da ciência, que é o sujeito da psicanálise, que precisa da travessia do fantasma.

No *Seminário XVII, O Averso da Psicanálise*, onde ele trabalha o aparelho discursivo e abre para a idéia de campo lacaniano, ele diferencia entre a experiência clássica do tratamento analítico e a experiência de análise em seu rigor lógico. Ele diz que quando se trata da experiência da análise, o que se apresenta põe em jogo uma questão política em relação ao real. Pois, se até um determinado ponto, a definição do que é uma análise pode responder por aquilo que um analista faz, em termos do que ele entende classicamente por uma análise. A partir desse ponto entra em questão o que se espera de um analista em relação à suposição em jogo. Reinterrogar em relação à suposição em jogo, aquilo que está em cada análise como espera, é o que pode levar o analisante, enquanto sujeito responsável por sua análise, a uma pergunta em relação ao desejo pelo qual nasceu; uma reinterrogação do sujeito em outro nível que não tem a ver com a ética tradicional vigente. Nesse sentido, o tratamento é o que precisa vir a ser dispensado e dispensado, embora esse dispensar o tratamento seja da ordem do...não...sem...

Trata-se, então, de um rigor de alguma forma ético, porque não há possibilidade alguma de compreendermos o vivido, o autêntico, o real de nossos pacientes. O que diz respeito à existência de fato não permite delimitar o campo do inconsciente em sua radicalidade, é preciso adentrar nas questões da existência lógica. Chegar a dispensar o tratamento, embora...não...sem...É uma questão dessa ordem. É necessário neste ponto acreditar poder franquear o passo, como Lacan o diz no seminário: *A Lógica do Fantasma*.

Situada a questão, então, como passos lógicos na eleição de leitura, reportamo-nos a primeira pergunta do nosso título: o que funda a psicanálise como práxis?

Remetemo-nos, neste ponto, mais especificamente, ao trabalho de transmissão na nossa Escola. Como pensamos que ainda a direção de nossas leituras? O que mantemos na nossa leitura das convicções moralistas religiosa-masoquistas tão difíceis de abandonar, pois

fazem gozar lá onde se sofre? E o que mantemos do saber universitário, já que a Universidade continua formando, mas, justamente, de uma maneira que, por estrutura, adia sempre interrogar o saber no ponto onde realmente importa para a subversão que o discurso do analista faz? A que, por estrutura, só pode inverter o que Lacan diz. Resolvemos nos perguntar a respeito da base e do fundamento da direção lacaniana na Práxis Lacaniana/Formação em Escola hoje, uma vez que, nesses quase 10 anos de existência, passamos por alguns impasses. O que nos moveu, num dado momento de nosso percurso na psicanálise, a fundar a Escola? Com que nos defrontamos em nosso percurso que fez exigência de uma fundação?

A aposta, em 1993, como hoje, é: que sustentemos uma prática discursiva, ou seja, que se autorize pela lógica operatória do aparato lacaniano dos 4 discursos. Isto levou-nos a colocar Lacan no nome da Escola – Práxis Lacaniana. A prática enquanto discursiva, não podia fazer parte do já dado, já que põe, como exigência, condições lógicas a serem adquiridas na tarefa analisante, no tempo do inconsciente que implica o atravessamento do fantasma. Trata-se aqui do esgotamento do sujeito da ciência até o defrontamento com a categoria lógica do impossível, enquanto um limite lógico do discurso, para a entrada do discurso do analista. Pensando nisto pusemos Formação em Escola como um desafio ao trabalho pretendido.

Desde o início da fundação, buscamos uma prática segundo a ética do bem dizer, mas não tardou para sermos pegos pelas dificuldades inerentes à estrutura e depararmos-nos com o fato de que, embora quiséssemos fazer essa sustentação, não suportávamos, no sentido de não ter suporte, ainda, certo deparamento com a falha. Isto porque é muito difícil passar pelo ideal narcísico, por exigir uma certa coragem ética diante da angústia da presença do Outro. O sintomático que se apresentava na Escola, era o acirramento nas falas, que manifestava a insuportabilidade em relação à diferença e à diversidade que indicava a inibição em relação ao trabalho de vir a organizar as falas em sua vetorização no campo que é o lacaniano.

Como sair da rivalidade, que é estrutural, já que o rechaço é ao inconsciente articulado, se ainda não houve conseqüências resultantes de uma análise neste ponto? Para se tomar em conta própria essa rivalidade, sem cair na denúncia, é preciso um certo limite para que funcione em relação a ela, pelo menos com a entrada do primeiro “não pode”, que leva às operações com o ..não...sem...Uma primeira operação lógica com a função da negação resulta em que alguém, se por está implicado, ter começado a falar, não pode mais dizer qualquer coisa. Sem esta primeira entrada da função da negação – são quatro operações a serem adquiridas – alguém está na rivalidade, sofre e faz sofrer suas conseqüências, as da relação amo-escravo, seus prejuízos e benefícios, e disto não sabe pela maneira como faz a conta.

Como sair do primeiro estado de crença na palavra enquanto podendo dar conta de que a linguagem bastaria ao sistema para, dessa maneira, fechá-lo? Esta situação, que já é efeito

de que alguém tenha começado a falar em análise, impede que entre na conta o não-todo e o não-toda, ou seja, o impossível e o contingente. Insiste-se em dar conta de tudo e em ter toda a responsabilidade.

Houve um momento importante na Escola em que nos deparamos com um tipo de sintoma que podemos chamar “fuga da presença do outro”, do outro enquanto interroga àquele que fala. Certamente nos pegávamos, naquilo que dizíamos, entre gozo e desejo, talvez, em plena oscilação ao nível da situação discursiva, com a debilidade mental manifesta.

Diante desse sintoma de fuga, que se manifesta no enorme número de atividades que tínhamos completamente desproporcional ao número de participantes, nos perguntamos: por que estávamos evitando nos encontrar pelas falas no trabalho? Se estávamos empregando tantas estratégias para conseguir não estar pelas falas na Escola, é porque havia algo se apresentando. Isto não quer dizer que não falássemos, falávamos e muito, e de psicanálise. Fugíamos, então, dos efeitos do inconsciente, que só podem ser tomados em conta em presença, com outros. Fugíamos daquilo mesmo que pretendíamos, encontrar a lógica de vetorização das falas no campo. Nessa época pusemos em questão o ensino na Escola, interrogando, inclusive, pontos de impasse nas análises.

Ressituando estas questões, nos lembramos neste momento do que diz Lacan no *Seminário X, A Angústia*: o grande problema não é questionar se é possível ensinar alguma coisa, a questão é saber o que é o ensinar “quando precisamente se trata de ensinar não apenas a quem não sabe, mas a quem, sendo dado isso de que se trata, não pode saber”.

No momento, o ensino está organizado de maneira a possibilitar a interlocução entre o maior número de membros por atividade na Escola. Queremos praticar na direção que as diferenças e a diversidade trabalhem para que possamos, no tempo, ver as conseqüências dos diferentes pontos de partida e de chegada, já que estamos interessados nas questões discursivas do campo do gozo. De nenhuma maneira esta situação é cômoda, porque o que estamos interrogando é a lógica discursiva que sustentamos cada vez que falamos algo. É com este rigor que no momento tratamos de praticar na Escola.

Constatamos também, a partir disto, que nos diferentes lugares de trabalho na Escola, as falas e hipóteses sobre os impasses a atravessar nas análises, fazem parte de nossas indagações, assim como as perguntas sobre como seguir nos mais diferentes níveis. Isto leva-nos a achar que temos caminhado na extensão, ao passo que caminhamos na análise em intenção. Em razão disto e do próprio caminhar do trabalho na Escola, distanciando-nos dos acirramentos sintomáticos narcísicos e das crenças onipotentes em palavras que viram rezas conceituais, podemos dizer que pensamos estar mais próximos da prática discursiva. Eis a razão pelo qual fundamos a Escola. Em relação a nossa segunda pergunta: “passamos Lacan no que transmitimos?” queremos nos interrogar se, no ponto onde as coisas importam, onde a resposta não é sem conseqüências, passamos o que Lacan

sustentou? Fizemo-nos essa pergunta a partir do que Lacan diz no texto “Sobre a experiência do passe”: “pois bem, aqui estou com os estragos às costas. Não é mais inútil por isso, pois como se me fiz notar, se há alguém que se o passa passando o passe, esse sou eu”.

Como comentamos, podíamos tomar a questão como prévia, já que é possível tomá-la assim, e temos, inclusive Lacan no nome da Escola. Contudo, se o que está em jogo é a posição lacaniana, a questão prévia não basta, pois o discurso do analista não é da ordem da sexualidade, enquanto traumática.

Neste ponto, é necessário tomar a ambigüidade sem rodeios. Para tomá-la assim vamos nos situar em relação ao que neste tempo vimos podendo ler e escrever. No escrito *Variantes do tratamento padrão*, Lacan diz que “o analista detém toda responsabilidade, no sentido pesado que acabamos de definir, a partir de sua posição de ouvinte. Uma ambigüidade sem rodeios, por estar a critério do analista como intérprete, repercute numa intimação secreta, que ele não pode se afastar nem mesmo ao se calar”.

Lacan chama à atenção os psicanalistas, para que estes não deixem de sentir o peso do que é essa intimação secreta, em função mesmo de algo que se apresenta como um mal-estar, mas que eles vêm se furtando a considerar, neste ponto, a ação que lhes compete na produção da verdade. O que Lacan está dizendo com isto? Qual é o lugar do assentamento desse furtar-se à produção da verdade?

Faz-se muitas coisas neste lugar. Mas o saber fazer que nos interessa aí é o de Freud e Lacan. Lacan situa que, neste ponto, em relação à produção da verdade, nem para ele nem para Freud há comodidade possível, já que da perspectiva da realidade se pode estar cômodo por saber que o fantasma não é mais que o traumático sexual; mas, como Freud e Lacan estão em relação à produção da verdade, eles aí, em relação à estrutura, inventam, mas não por isso ficam tranquilos.

Voltando a pergunta: o que queremos dizer com “passamos Lacan”? Que há a passar? O que faz tanta resistência a passar certos impasses? O que resiste tanto ao discurso do analista, embora não tanto ao discurso da psicanálise? O que há aí que faz com que o próprio Freud resista ao que só poderia emergir por um Freud, e que, também Lacan, resista ao que só poderia emergir por um Lacan?

Lacan nos diz que o que resiste é o corpo de gozo do sujeito, última das resistências do sujeito ao discurso do analista. O corpo, o gozo, resiste ao que, na divisão do sujeito, tem efeitos de verdade. Trata-se de algo que, por pouco que brilhe, fascina o sujeito. Para que, em uma análise, se chegue a interrogar esse gozo que o saber produz em um determinado lugar lógico, é preciso eleger não suturar onde é para abrir, ou seja, não fazer desfalecer a

psicanálise onde é para seguir. Seguir ao eleger inventar o analista como *a*, pois este, no discurso do analista, não é prévio, embora o seja no discurso do amo, que é o que mais se aproxima do discurso da psicanálise. O discurso do analista é o novo, e os filósofos, nesse ponto, ainda que sejam dos bons, não querem saber para nada daquilo que por Freud emerge.

Se os analistas vierem a abrir o que têm suturado, se eles não se furtarem à produção da verdade, algo emergirá que não é da ordem da continuidade, por ser da ordem da ruptura com a tradição do saber, que vem dominando desde os tempos mais antigos. Romper com o continuísmo nesse lugar é romper com uma economia libidinal entre gozo e desejo, que segue imperando. É romper com a fascinação e com a guerra, com a segregação e o racismo. Romper com um corpo de gozo que o saber produz e tem-se mantido no inconsciente, enquanto enfermidade mental, que segue dominando; pois se tem escolhido seguir sofrendo, lá, onde se goza, persistindo no tratamento e fugindo da prática, enquanto discursiva.

O que não é da ordem da continuidade com o saber tradicional e dominante é a emergência do inconsciente, enquanto função na fala. Para isto faz-se necessário que o discurso que Lacan sustentou, o do analista, possa se apresentar. Isto não é sem dificuldades, pois ele próprio faz descontinuidade com o discurso da psicanálise.

Quando há transmissão numa Escola? Não houve tempo para trabalhar esta questão, que é a terceira das que constituem nosso título. Contudo pensamos que algo do que temos a dizer a este respeito, no momento, está de alguma maneira introduzido no que trabalhamos até aqui.